
Invisibilidade estrutural: uma análise da (não) presença do futebol feminino no GloboEsporte.com¹

Letícia de CASTRO²
Maria Elisa MÁXIMO³

Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, Joinville, SC

RESUMO

Este artigo baseia-se numa descrição densa da estrutura do site GloboEsporte.com, visando analisar a construção da invisibilidade do futebol feminino na cobertura esportiva do veículo. Especificamente, o esforço descritivo volta-se para a aba “futebol” do site, buscando identificar um padrão na disposição dos links, conteúdos e notícias sobre os times e campeonatos. Tendo por base uma abordagem qualitativa, a pesquisa, realizada entre outubro e novembro de 2017, evidencia como a hegemonia do futebol masculino é construída e consolidada desde a apresentação formal do portal, onde o futebol - enquanto modalidade esportiva - é tratado como sinônimo de futebol masculino. Já o futebol feminino é tratado como modalidade à parte e, mesmo no único espaço a ele dedicado, também concorre com conteúdos relativos ao masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Esportivo. Futebol. Relações de Gênero. Invisibilidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo⁴ apresenta uma descrição e análise da lógica organizacional e estrutural do site esportivo Globo Esporte em relação ao futebol feminino brasileiro. O Globo Esporte está veiculado no site de notícias do Grupo Globo, o Globo.com. E a escolha desse segmento se deu pela larga expressão da Globo como meio de comunicação no Brasil. A análise foi baseada nos conteúdos publicados no

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Recém-formada no Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, e-mail: leticiaadecastro@gmail.com.

³ Orientadora. Professora adjunta da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: elisa.maximo@ielusc.br.

⁴ Trata-se de um desdobramento da monografia apresentada no dia 14/12/2017 para conclusão de curso.

GloboEsporte.com entre dia 11 de outubro até o dia 11 de novembro de 2017. A escolha desse período se deu por conta dos eventos futebolísticos do futebol feminino brasileiro que ocorreram nesse intervalo de trinta dias, que seriam alguns Campeonatos Estaduais (Carioca, Gaúcho e Amazonense), e também as etapas finais da Copa Libertadores da América⁵ (dos times femininos e masculinos).

A história da mulher no futebol no Brasil, país mundialmente conhecido como “país do futebol”, é marcada por restrições e proibições. Desde os primórdios da história do esporte no país, o futebol não era considerado de “natureza feminina”. Enquanto o futebol masculino, através da mídia e do investimento da elite brasileira, foi se popularizando no país, para as mulheres todos os espaços e posições relacionados ao esporte foram sistematicamente negados e/ou limitados, da torcida ao reconhecimento como atletas. E isso não porque não havia interesse das mulheres pelo esporte, mas o cenário futebolístico nunca fomentou políticas de inclusão delas na modalidade. Muito pelo contrário. Até o ano de 1979 havia, inclusive, aspectos jurídicos proibitivos. Em 1941 foi promulgado o decreto-lei nº. 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de organização dos esportes em todo o país. No artigo 54, havia referências à prática do esporte pelas mulheres que comungava de permissões e proibições. O Conselho Nacional de Desportos aprovou não ser permitida a prática de lutas de qualquer espécie, futebol, futebol de salão, futebol de praia, “rugby” e “baseball”.

Estes documentos oficiais, segundo Goellner (2005), reforçam concepções de feminilidade, em geral associadas à maternidade e à beleza feminina e para as quais esportes considerados “violentos” deveriam passar longe da socialização das meninas e moças. Isso porque, culturalmente o esporte sempre foi um universo masculino, principalmente o futebol. Preocupavam-se também com a possibilidade de masculinização da mulher. No imaginário social coletivo, segundo Januário (2015), a ideia de conquistas e sucesso está habitualmente associada à velocidade, agilidade, força e resistência e, por conseguinte, ao homem. Acreditava-se, é claro, que a mulher não

⁵ A Copa Libertadores da América ou Taça Libertadores da América é a principal competição de futebol entre clubes profissionais dos países da América do Sul, organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL).

possuía esses componentes dominantes na prática do futebol. “A mulher ficou enquadrada em marcas como a graça, a leveza ou a beleza”, (JANUÁRIO, 2015, p. 9).

A deliberação que vedava a prática do futebol pelas mulheres foi liberada apenas em 1979. E, muito por conta da atitude transgressora por parte das mulheres que fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, (GOELLNER, 2006, p.2), novas perspectivas começam a despontar para o futebol feminino no Brasil. A partir da década de 80, as mulheres passaram também a protagonizar feitos no futebol brasileiro, com o surgimento de times e competições nacionais e as conquistas mundiais da Seleção Brasileira. E esse cenário se perpetua até os dias de hoje, mesmo sem visibilidade e investimento adequado.

1. AGENDA DE MÍDIA E FUTEBOL FEMININO

Apesar do crescente número de mulheres no futebol, formando clubes e disputando campeonatos, vê-se claramente que os grandes veículos de comunicação ainda não conferem um espaço adequado e digno em relação à modalidade. Segundo Souza e Knijnik (2007), nos meios de comunicação, o esporte ainda é um dos setores que apresenta continuamente uma grande desigualdade no trato entre homens e mulheres. Isso influencia na formação de estereótipos e preconceitos pelo público, porque, segundo Lemos (2017), a grande mídia tem papel fundamental na formação da mentalidade das pessoas. As imagens e representações sobre o mundo esportivo são, em grande parte, “influenciadas pela mídia, uma vez que a grande maioria das pessoas só toma contato com eventos esportivos através da imprensa” (KOIVULA, 1999 apud SOUZA e KNIJNIK, 2007, p.37). Então, a mídia esportiva é essencial no papel de divulgação, acesso e consumo aos mais diferentes esportes. Ou seja, se a imprensa não divulga essas informações elas ficam restritas apenas a quem está ligado diretamente com a modalidade (atletas, comissão técnica, direção e etc).

O esporte só ganha existência social porque passa por procedimentos técnicos, teóricos e por uma grande conversação empreendida no cotidiano, seja pela construção da agenda midiática ou pelas falas dos atores sociais - da opinião pública. Sem o empreendimento da linguagem sobre o esporte, ele passa a ser apenas uma atividade regrada, praticada pelos seus atores, ficando limitada à experiência daqueles que o vivenciam. (BORELLI, 2002, p.3)

Mas os temas presentes na agenda da mídia, segundo Carvalho e Grohmann (2016), não aparecem magicamente na agenda pública. Existem alguns fatores que contribuem para esse movimento ocorrer, tais como “o espaço dado para o tema, a quantidade de vezes que o mesmo aparece com o decorrer do tempo (a sua repetição), e o posicionamento que o veículo tem diante dele, por exemplo”. (CARVALHO, GROHMANN, 2016, p. 5) Essas são variáveis que dão mais força a determinados temas e acabam “esfriando” outros. A mídia escolhe e seleciona os fatos e as pessoas que serão destaque. E como afirma Jaeger (2006), a mídia tem tratado com desigualdade mulheres e homens nas suas coberturas esportivas, priorizando a presença masculina em seus programas. De acordo com Goellner (2005), a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino. “Parece não haver campeonato, contusões, clubes, transferências, nem mesmo questões pessoais, como é possível observar na mídia quando o foco é o futebol masculino”. (MARTINS, MORAES, 2007)

Uma análise detalhada dessa situação nos remete a indagar sobre “quem” trabalha *com* e *no* jornalismo esportivo e, mais uma vez, segundo Jaeger (2006), nos deparamos com uma área profissional que tem no seu gerenciamento, departamentos editoriais e reportagens figuras masculinas. A história nos mostra que ainda há muito a conquistar na relação entre mulheres, esporte e imprensa que, em termos gerais, é o objeto de estudos deste artigo. Interessa-me investigar como que a imprensa brasileira se comporta em relação à participação feminina no futebol do país, especificamente o site de notícias esportivas GloboEsporte.com.

2. ESTRUTURA DO SITE GLOBOESPORTE.COM

Quando me interessei pela análise da cobertura jornalística do futebol feminino do GloboEsporte.com, por ocasião do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo (CASTRO, 2017), não imaginava que, objetivamente, as marcas da invisibilidade já seriam observadas desde os elementos mais básicos da estrutura do site. Ou seja, a construção de uma narrativa jornalística que sustenta a natureza masculina do futebol brasileiro transcende em muito o texto jornalístico, estando presente na composição estética e estrutural do veículo. O fato é que todo o ambiente em que as

notícias estão veiculadas no GloboEsporte.com é, de forma geral, voltado para o masculino, deixando claro que falar de futebol para o GE é falar de futebol masculino. É possível começar a identificar essa afirmação logo na *homepage* do site e perpassa toda a lógica organizacional, de diagramação do portal. Os times, na aba “TIMES”, são apenas times futebolísticos masculinos. Os jogos do dia, expostos no centro da primeira zona de leitura e acesso do site, referem-se apenas e exclusivamente aos jogos de clubes masculinos. As matérias em destaques e às da *timeline* de notícias, que tratam aproximadamente 90% sobre futebol, são matérias relacionadas a times, atletas, torcida, campeonatos, entrevistas etc do futebol masculino. Na terceira zona de leitura e acesso, do lado esquerdo da tela, aparecem oito na vertical, e nelas há conteúdos como tabelas de campeonatos, melhores momentos de jogos, principais e mais recentes dados das modalidades em geral, etc. Porém tratam-se apenas do esporte praticado por homens.

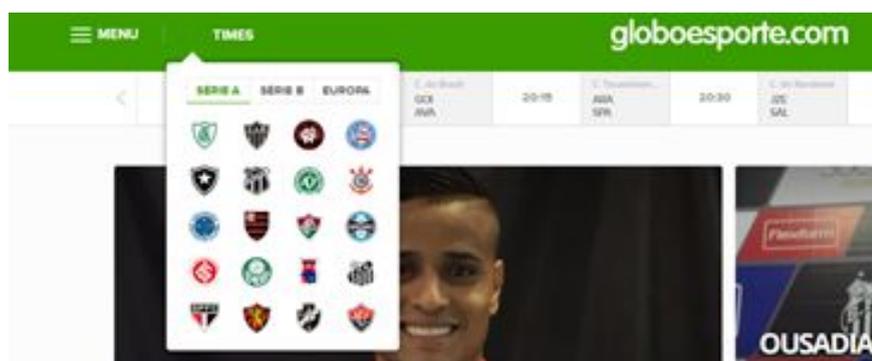


Figura 1 - Aba “TIMES” da *homepage* do site GloboEsporte.com
 Fonte: GloboEsporte.com, online



Figura 2 - Primeira zona de leitura e acesso da *homepage* do site GloboEsporte.com
 Fonte: GloboEsporte.com, online

A estrutura descrita até aqui, observada logo na primeira mirada sobre a *homepage* do GE, manifesta-se mais veementemente quando clicamos no menu do portal e buscamos pela aba “futebol”. A aba futebol recebe duas funções dentro do portal. Primeiro, ao clicar, o público é direcionado para a página principal da

modalidade no GE, que segue a mesma linha de diagramação da *homepage* do site. A primeira zona de leitura e acesso, de forma central, apresenta os jogos que aconteceram ou vão acontecer no dia, com o nome da competição que pertence cada jogo e o horário. A segunda zona de leitura e acesso é constituída pelas matérias em destaque, com três telas. E a última traz a *timeline* de notícias diárias e no canto direito, duas tabelas, nomeadas de 1. Tabela Copa do Brasil e 2. Dados e Infográficos. Mas, como na *homepage*, os jogos do dia, as notícias em destaque, a *timeline* de notícias e às tabelas, durante o período da pesquisa, foram só sobre o futebol masculino.



Figura 4 - Segunda zona de acesso e leitura da *homepage* da página futebol do GE
 Fonte: GloboEsporte.com, online



Figura 5 - *Timeline* de notícias da *homepage* da página futebol, no site GloboEsporte.com
 Fonte: GloboEsporte.com, online

E ao passar o mouse na aba “futebol”, o internauta é direcionado a duas colunas verticais, ainda dentro do menu. A da esquerda contendo 14 links listados, são eles: 1 - Brasileirão Série A, 2 - Brasileirão Série B, 3 - Brasileirão Série C, 4 - Libertadores, 5- Copa Sul-americana, 6 - estaduais e regionais, 7 - público no brasil (% nos estádios), 8 - vai e vem (mercado da bola), 9 - futebol internacional, 10 - Liga dos Campeões, 11 -

Seleção Brasileira, 12 - futebol feminino, 13 - Neymar - site oficial e 14 - tabelas de A a Z, e a da direita contendo os brasões dos times futebolísticos.

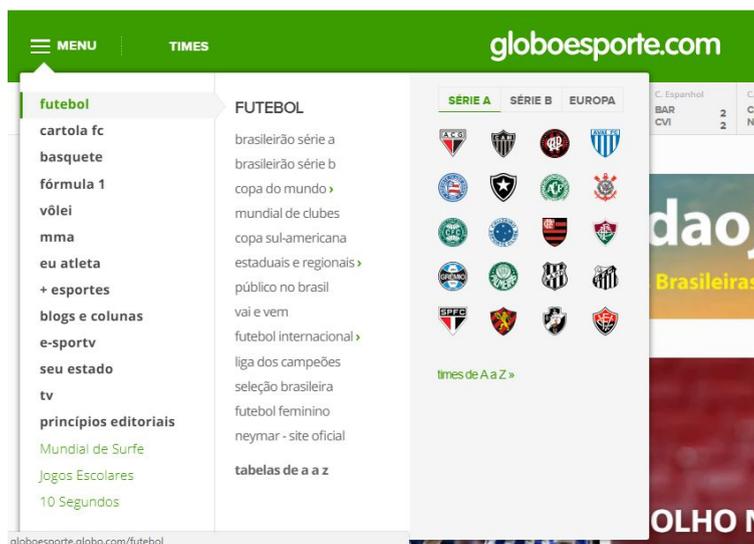


Figura 6 - Menu principal do site GloboEsporte.com, mostrando as duas colunas que aparecem ao passar o mouse na aba futebol / Fonte: GloboEsporte.com, online

O conteúdo dos 14 links listados na primeira coluna da aba “futebol” mantém a prioridade - ou exclusividade - do futebol masculino, com exceção da aba 12, tema do próximo tópico deste artigo. Nesse sentido, é preciso dizer que nem todas as competições disputadas pelos times masculinos são, também, disputadas pelos times femininos. Atualmente, o futebol feminino do Brasil conta com quatro competições: Brasileirão Série A1 e Série A2⁶, Copa Libertadores e os Campeonatos Estaduais. O masculino possui os mesmos campeonatos e outros. Durante o período da pesquisa, times femininos brasileiros estavam disputando a Copa Libertadores e alguns campeonatos estaduais: Campeonato Carioca (Rio de Janeiro), Campeonato Gaúcho (Rio Grande do Sul), Campeonato Paraense (Pará), Campeonato Mineiro (Minas Gerais) e Campeonato Amazonense (Amazonas). Pelo futebol masculino, estavam em andamento o Brasileiro, a Copa Libertadores e a Copa Sul-Americana.

Como visto, os 6 primeiros links desse menu estão nomeados com os nomes dos campeonatos, sugerindo que, ao clicar neles, o leitor vai obter informações sobre cada campeonato específico. Para cada link, a lógica organizacional dos conteúdos

⁶ Significa a mesma coisa que Série A e Série B do Brasileirão Masculino.

relacionados às competições segue, de modo geral, a mesma linha já descrita, contendo três zonas de leitura e acesso. A primeira exhibe tabelas indicando os confrontos daquela competição. Essas tabelas trazem os clubes que vão se enfrentar ou já se enfrentaram, o resultado do jogo, o dia, o estádio que será/foi realizado e o horário. Na segunda zona ele traz a artilharia do campeonato, ou seja, um *ranking* dos atletas que marcaram mais gols até o final do campeonato. E a terceira e última zona de leitura e acesso é designada para a *timeline* de notícias diárias sobre a competição e os times que estão competindo. Mas essas informações são apenas sobre o campeonato disputado pelos times masculinos. E, se por um lado, os times femininos não participam de todos os campeonatos, por outro lado havia competições femininas em andamento que não eram minimamente consideradas nos conteúdos dos links.

O conteúdo do link “Libertadores”, por exemplo, nada menciona sobre a disputa pelo feminino. Desde a estrutura até a abordagem das notícias, só diz respeito à Libertadores masculina. E esse cenário torna-se ainda mais problemático se considerarmos que o time campeão da Copa Libertadores Feminina foi um time brasileiro. O time feminino do Corinthians trouxe a taça da Copa Libertadores para o Brasil e no link “Libertadores” do GloboEsporte.com isso não foi noticiado.



Figura 7 - Primeira zona de acesso da página Libertadores do GE, indicando apenas os resultados da competição Masculina - final disputada entre os times Lanús e Grêmio
 Fonte: GloboEsporte.com, online

O mesmo acontece nos campeonatos estaduais. Durante o período de pesquisa, saiu o campeão do Campeonato Estadual Carioca Feminino - o Flamengo - e, como já citado, o Campeonato Estadual Gaúcho, Mineiro, Paraense e Amazonense estavam sendo disputados. Mesmo assim, os links dos campeonatos estaduais “Carioca”, “Gaúcho”, “Mineiro”, “Paraense” e “Amazonense” direcionam o internauta para conteúdos relacionados somente aos times masculinos. Mesmo que o campeonato

masculino já tivesse sido encerrado, a *timeline* de notícias da página continua sendo atualizada sem considerar o andamento do campeonato feminino. Essas notícias trazem os jogos com transmissão ao vivo nos canais da Rede Globo. As páginas do link do Campeonato Carioca e do Campeonato Mineiro, inclusive, já estão diagramadas para a próxima edição⁷ do Carioca e Mineiro Masculino. O espaço específico e categorizado dentro do GloboEsporte.com para o Campeonato Carioca, o Campeonato Gaúcho, Campeonato Paraense e o Campeonato Amazonense, assim como na Libertadores, não publicou nenhuma nota sobre os mesmos campeonatos femininos, estes em andamento no período da pesquisa. Em relação aos outros sete links do menu principal da aba futebol, o conteúdo continua se referindo apenas ao futebol masculino, com exceção do link “futebol feminino”.

Os brasões presentes na segunda coluna vertical, que se abrem a partir da aba “futebol”, direcionam também para conteúdos relacionados exclusivamente ao futebol masculino.que também disputaram campeonatos femininos. Durante a pesquisa, analisamos 6 destas páginas, especificamente aquelas relativas aos clubes que também disputaram os campeonatos femininos. Lembre-se, aqui, que os times masculino e feminino de um clube levam, sempre, o mesmo nome. Mas, a naturalização da invisibilidade do futebol feminino na cobertura esportiva do portal é tamanha que os conteúdos relativos aos clubes que têm seus times masculino e feminino consideram, apenas, o futebol masculino. Seguindo a mesma estrutura de diagramação já descrita - notícias em destaque, timeline de notícias diárias, elenco (foto e nome de todos os jogadores), tabelas com classificação e jogos das competições que o clube está participando -,o conteúdo publicado neste ambiente se refere só ao time na versão masculina. Aliás, a hegemonia o time masculino e, conseqüentemente, a invisibilidade do time feminino, é construída sobretudo pela inexistência de qualquer diferenciação, no nível da linguagem, entre time feminino e time masculino. Em momento algum, na cobertura desses clubes, refere-se ao time masculino como “time masculino”, pressupondo a existência do time feminino. Pelo contrário, as narrativas sempre se

⁷ Devido à paralisação dos torneios nacionais durante a Copa do Mundo FIFA (masculina) de 2018 entre junho e julho, a fase preliminar do Carioca Masculino terá início ainda em 2017, no dia 20 de dezembro. E a do Mineiro Masculino na metade de janeiro de 2018.

constróem, mesmo quando da existência de um time feminino, como se só houvesse um único time em cada clube.

3. O QUE DIZ O GE SOBRE O “FUTEBOL FEMININO”?

A ausência total de conteúdos relacionados ao futebol feminino na aba “futebol” do GloboEsporte.com leva-nos à observação do décimo segundo link da sua primeira coluna: o link “futebol feminino”. Sobre a existência deste link é possível se dizer, logo de saída, que o termo “futebol feminino” já denota uma forma de exclusão. Afinal, como pontua Januário (2015), só há um futebol que pode ser jogado por homens e mulheres, seguindo sempre a mesmas regras e composição geral: onze jogadores ou jogadoras de um time contra onze jogadores ou jogadoras de outro time. Ao especificar e tratar o futebol feminino desta forma, demarcando o “feminino” como um futebol “à parte”, o portal sugere a ideia de não ser o mesmo esporte, disputado sob as mesmas regras. Mais do que isso, é visto pelo próprio público como outra modalidade. A análise do conteúdo deste link, “futebol feminino”, deixa este tratamento ainda mais evidente.

Ao clicarmos no link “futebol feminino”, logo podemos perceber, a falta de todos os elementos identificados e descritos em todas as outras páginas do GE, que conformam um padrão de diagramação e disposição dos conteúdos no portal. Tais elementos - tabela dos jogos do dia, tabelas com dados sobre os campeonatos, notícias em destaque e *timeline* de notícias diárias -, apontam para a diversidade de conteúdos considerados relevantes quando se fala do futebol masculino. Já a página “futebol feminino” é composta por apenas um deles: a *timeline* de notícias diárias.



Figura 9 – Print screen da página “futebol feminino” no site GE
 Fonte: GloboEsporte.com

Aqui, podemos falar numa espécie de “englobamento” do futebol feminino pelo futebol masculino, este último tratado como sendo “O” futebol propriamente dito. Como esporte de centralidade indiscutível no Brasil, o futebol é uma aba que se abre em muitos links e seções no site, todas elas dedicadas exclusivamente ao futebol masculino e tudo o que em torno dele acontece. Em meio a estes links, está o futebol feminino. É preciso insistir no peso simbólico deste tratamento numa sociedade onde o machismo e a desigualdade de gênero é aspecto estrutural. Se o “todo” é o futebol masculino, o feminino é apresentado como parte deste todo hegemônico.

Nenhum time feminino é tratado com distinção, não há informações objetivas sobre os campeonatos que os times femininos estão disputando, sobre os resultados dos jogos, sobre os elencos dos times etc. No portal do GE, o futebol feminino é tratado como parte, sem distinções. Não há subdivisões tratando dos campeonatos disputados pelos clubes femininos. Nem de forma categórica, como por exemplo, Campeonato Estadual Carioca Feminino ou Libertadores Feminina. Links como estes não existem nem na lógica organizacional do site, nem dentro da seção “futebol feminino”. Não tem como saber, por exemplo, quais serão os próximos jogos de determinada competição. Todo o conteúdo relativo ao futebol feminino fica agregado no mesmo local: na *timeline* de notícias diárias da página “futebol feminino”. Não há outra forma de se ter acesso a informações específicas senão fazendo buscas na *timeline* de notícias diárias, abrindo matéria por matéria, sem qualquer garantia de encontrá-las.

Foi o que aconteceu no período da pesquisa. Nos 30 dias de coleta de dados, foram publicadas na página “futebol feminino” do GE um total de 100 matérias. De modo geral, essas matérias tratavam do Campeonato Estadual Amazonense, do Campeonato Estadual Paraense, do Campeonato Estadual Mineiro, da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, de alguns clubes que disputavam esses campeonatos e da CBF. Entre essas matérias, foram encontradas, ainda, oito referentes ao futebol masculino. Sim, o GE publicou na página “futebol feminino” oito notícias relacionadas ao futebol masculino. Além das matérias sobre a Seleção Brasileira, sobre a CBF e também as sobre o futebol masculino, todas as outras matérias publicadas falam desses campeonatos (e dos times participantes) citados acima. Além disso, notou-se um

tratamento desproporcional em relação aos times e campeonatos: quase todas as notícias publicadas em “futebol feminino” durante o período da pesquisa eram relacionadas ao Campeonato Estadual Amazonense, como mostra o gráfico abaixo.

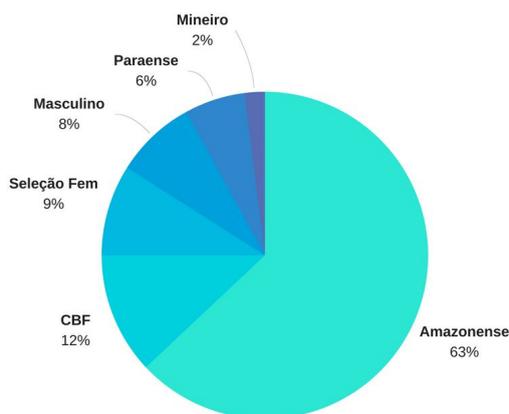


Figura 56 - Percentual de matérias dentro da página “futebol feminino” do GE, referente a cada categoria
 Fonte: Elaboração da autora

Também em relação aos times que disputam o Campeonato Amazonense, a quantidade de notícias que falam sobre cada um deles também não é proporcional: sobre o clube Iranduba foram 25, sobre o 3B 21, Penarol 12, São Raimundo 9 e sobre o Rio Negro 2. Já em relação ao Campeonato Paraense, foram duas matérias relativas ao clube Remo, duas sobre o Pinheirense e uma matéria para cada um dos seguintes clubes: Paysandu, Estrela, Carajás, Tapajós, Cabanos, Tuna Lusa, Tiradentes, Emasc e Bandeirante. Em relação aos clubes que participavam do Campeonato Mineiro, duas matérias tratavam do Ipatinga, outras duas sobre o América-MG e duas sobre o clube Frigoarnaldo. Sobre os times Internacional, Nacional e Athletic havia, para cada um deles, uma matéria. É importante ressaltar que o processo de construção desses dados considerou todas as vezes que determinado time foi citado dentro de uma matéria: há matérias que tratam exclusivamente de um time, há outras que tratam de dois ou mais times.

No total, o número de matérias que tratam dos times Iranduba e 3B é o dobro do número de matérias que mencionam outros times participantes do Campeonato Amazonense. E esse resultado não está necessariamente relacionado com o número de

jogos: o Rio Negro jogou quatro partidas, Penarol e São Raimundo jogaram seis e Iranduba e 3B jogaram 7.

No caso dos times do Campeonato Paraense a diferença foi menor porque apenas uma matéria trouxe dados de todos os times da competição. Mas, é importante destacar, não foram muitas informações. A matéria apresentava apenas a pontuação de cada time na tabela de classificação do campeonato e a data dos próximos confrontos. Já Pinheirense e Remo, além de também terem sido citados nessa matéria, tiveram, cada um, mais duas notícias relacionadas a eles.

Sobre o Campeonato Mineiro foram publicadas apenas duas notícias e os títulos de ambas se referia a apenas um time, o Ipatinga. “*Ipatinga busca vitória fora de casa na primeira partida da semifinal do Mineiro feminino*” e “*Em casa, Ipatinga busca classificação para a final do Mineiro Feminino*”. Os outros times da competição apenas foram citados no corpo da matéria ou porque eram adversários do Ipatinga ou porque a matéria oferecia, no último parágrafo, o próximo duelo de outros times do campeonato. Mas, o fato mais importante é que o campeonato contava com nove clubes participantes, e as matérias só trazem dados de seis deles.

Ao analisar o conjunto dessas matérias foi possível notar a ausência de muitas informações relevantes para quem acompanha o desempenho dos times femininos nos campeonatos. Mesmo em relação ao Campeonato Amazonense e os times Iranduba e 3B, que lideraram o número de matérias e menções no período da pesquisa. Em relação ao elenco dos times, por exemplo, não há como sabermos quem são as jogadoras que integram os times. Algumas matérias, mas não todas, citavam o nome de algumas jogadoras apenas porque marcaram gols ou porque estavam envolvidas em algum lance de destaque do jogo. Além disso, notamos a ausência de matérias sobre outros campeonatos, como o Campeonato Gaúcho, o Campeonato Carioca e sobre a Libertadores. Isso nos mostrou que a análise da cobertura jornalística do futebol feminino no GE consiste, acima de tudo, num esforço de descrição de um conjunto de ausências, de faltas, de lacunas tanto na quantidade de informação quanto na diversidade das informações disponíveis, o que coloca o futebol feminino numa posição no mínimo secundária, marcada por estratégias de invisibilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desdobrando-se de uma pesquisa que teve como objetivo geral analisar a cobertura da mídia esportiva sobre o futebol feminino no Brasil, este artigo buscou, mais pontualmente, promover a reflexão em torno das formas pelas quais a invisibilidade do futebol feminino brasileiro é produzida desde os aspectos mais formais e elementares do principal portal de jornalismo esportivo do país: o GloboEsporte.com. Resultantes do esforço de uma descrição densa do espaço dedicado ao futebol no portal, os dados apresentados nos permitem afirmar que, sendo um dos pilares básicos do esporte de rendimento na atualidade (SOUZA e KNIJNIK, 2007), a mídia trata os gêneros de forma notadamente desigual. O modo pelo qual o GE organiza sua cobertura sobre o futebol brasileiro, destinando uma pequena parte ao futebol feminino, onde os conteúdos são dispostos de forma indistinta, sem atenção a critérios básicos de noticiabilidade e aos valores-notícia, produz um tipo de invisibilidade estrutural. Em meio ao pouco que é mostrado podemos descrever o tanto que não é mostrado.

O silêncio do GloboEsporte.com em relação ao futebol feminino no Brasil é reflexo de um silêncio geral da grande mídia brasileira em relação ao futebol praticado por mulheres e à participação das mulheres nesse universo esportivo. Ao ignorar os feitos dos times femininos no dia a dia, as editorias de esporte continuam a perpetuar a ideia de que futebol não é lugar de mulher. Reforça-se, assim, a desigualdade de gênero no esporte, fortalecendo o senso-comum de que o futebol feminino é “menos futebol” que o masculino. A falta de cobertura da imprensa brasileira sobre o futebol feminino faz com que a sociedade continue acreditando que este não é importante e não merece atenção.

A Coordenadora do Departamento de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol e ex-zagueira da Seleção Brasileira, Aline Pellegrino, em entrevista no webdocumentário “Para além dos 90 minutos”⁸ afirmou que “a grande mídia escolhe não dar visibilidade para o futebol feminino, porque informação tem”. (PELLEGRINO,

⁸ Este webdocumentário constituiu-se no Projeto Experimental apresentado no Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus Ielusc, desenvolvido sob orientação da prof. Ma Kérley Winques. Está disponível em <<https://readymag.com/u73484380/paraalemdos90minutos/>>

05/05/2017) E em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, de acordo com Goellner (2005), o quanto este é ainda, para as mulheres, um espaço para ser conquistado e afirmado como seu.

REFERÊNCIAS

BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/2QH7gx>>

CARVALHO, Thais May. GROHMANN, Rafael. **Jornalismo Esportivo VS Esporte Feminino**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/2Lv8hy>>

CASTRO, Letícia de. **Marcas de silêncio: A invisibilidade do futebol feminino na cobertura esportiva do GloboEsporte.com**. 2017. 113 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, Joinville, 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr/jun, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/phiWRO>>

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Modos de Ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/GQeJwY>>

JAEGER, Angelita Alice. “Gênero, Mulheres e Esporte”. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n.01, p.199-210, janeiro/abril, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/frQMvo>>

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**. Goiânia, v.10, n.1, p.69-81, jan./jun, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/A27YVP>>

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan/mar, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/ESLBpT>>